TÂNATOS
ROMANCE
Wendel Santos

Wendel Santos

TÂNATOS

Capa de
Tancredo de Araújo

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
E LÉTRAS
DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
GOIÂNIA - GOIÁS

Apresentação

A ALVORADA DE UMA LITERATURA URBANA

CARMO BERNARDES

— Por que êsse chorrilho de literatura regional, que já está nos enfadando?

Está aí uma indagação renitente, que pede uma resposta segura.

— Ah, êsse negócio virou nada!

— Sim, acontece que moda não é mais do que arte de imitar os outros. Dizer apenas que o ruralismo na literatura goiana é uma coqueluche, é escorregar, é interpolar e negacear o tema. De certo ponto em diante na extensão do fenômeno essa explicação talvez seja correta, mas não satisfaz plenamente. Ninguém nega que há os imitadores, os seguidores da moda, e até mesmo os estandardizadores dos "causos" e das "estórias". Resta saber em que fonte ainda estão bebendo os que fazem o regionalismo tido como puro e autêntico.

Para encontrar o fio dessa meada é necessário, portanto, remexer mais fundo, correr a rama da batata até o fim, sem confundir os enraizamentos secundários com o tubérculo subjascente.

E correndo a rama da batata, vamos encontrar o tubérculo mestre num raciocínio mecanicista, mas à míngua de filosofia mais pura e para o caso vertente — êle serve. O cérebro humano é (?) uma fábrica de idéias, e os reflexos do meio exterior são a matéria prima para a elaboração intelectual. E se essa premissa é verdadeira, então está morta a charada. Os nossos "causos" e as nossas "estórias" não são filhos bastardos. Têm origem legítima num determinismo histórico que, em última análise, é o homem determinando.

A sociedade em Minas Gerais é conservadora: a sua literatura é comportadinha, avemaria de palavrão; a vida do nordeste brasileiro é dura e áspera: a literatura dos cabeças-chatas tem que ser agreste e cheia de calamidades; no Rio de Janeiro e São Paulo o cosmopolitismo quebrou os tabus e rasgou as convenções: é claro que a turma de lá faça uma arte alegre e descontraída. E aqui, em Goiás, que natureza de matéria prima o nosso cérebro tem recebido para com ela elaborar literatura?

A literatura autêntica tem a dinâmica do eco: só se faz ouvir depois do grito dado e nunca dentro do grito. Dura como a luz das estrêlas que continua brilhando ainda por muito tempo após a estrêla haver-se extinguido no cosmo.

Fechou-se o ciclo da economia. O caipora, o lobisomem e a mula-sem-cabeça fugiram espavoridos. A foice, o machado e a enxada não dirigem mais a economia. A bestinha marchadeira foi alforriada e as boiadas não acodem mais ao toque do berrante. O brilho dessa fase de nossa existência, entretanto continua iluminando pàlidamente as nossas letras. É o eco de um grito morto que ainda continua retumbando no cérebro de uma geração aposentada e saudosista.

A construção de Brasília e suas consequências mais imediatas vieram subverter tôda uma ordem de coisas, que pareciam ser eternas, a partir de uma injeção formidável de novas concepções de vida, que tumultuaram o nosso comportamento linear e apático. Goiás recebeu uma avalancha de contingentes humanos de tôdas as partes do mundo que fizeram tábula rasa dos nossos valôres tradicionalistas. As grandes rodovias e suas vicinais arrancaram os marcos dos latifúndios intocáveis. O trator agrícola e o arado entupiram os regos dágua que faziam gemer os monjolos. Os quintais das casas grandes e o cemiteriozinho lôbrego do fim dos vaquejadores viraram arrozal. A caminhoneta e o aval quebraram os fazendeiros tradicionais.

O impacto das máquinas modificou a paisagem geográfica e, mais do que isto, pôs em vigor novas formas de relações humanas. Mas a revolução é muito recente, estamos apenas dentro do grito dela. A caixa de ressonância em que guardamos as nossas vivências ainda está repetindo é o esturro do CORONEL mandão, o discurso do político comprador de "deretório" e o canto do sabiá-laranjeira num laranjal que o arado destruiu. O retinir da argolinha da carabina do liquidante e o cricrilar dos grileiros de terras continuam remotamente retumbando. O ronco dos aviões, o estrompo dos tratores e o mugido triste dos bois empelotados nos caminhões-gaiola, formam um alarido nôvo e exigem sensibilidades novas para registrá-lo em têrmos de literatura e arte.

Há mais a considerar. Literatura é vivência e vivência não se faz num dia. É acumulação da experiência feita de impressões doce-amargo-burlesco-manso-violento-inocente-manhosas, que vamos recebendo e armazenando, como membros que somos de um todo social. As desencontradíssimas impressões de uma experiência a vida nos entrega em bruto e caóticas, e só vão se transformar em vivência, nos têrmos destas considerações, depois que o cérebro as depurou na decantação memória-esquecimento.

Nesta fase, os resíduos que ficaram, somados à herança dos antepassados, solidificam em cultura e se constituem em material aproveitável (o único aproveitável) para a elaboração literária, e que o maior ou menor talento do escritor vai determinar a respectiva potência de comunicação e impressão.

Em maior ou menor grau, todos os membros de uma comunidade possuem a sua reserva vivencial guardadinha nos recônditos da alma, que são como cordas esticadas, prontas a responder aos acordes da comunicação artística.

"Você se lembra, fulano?"

"— É deveras... Tempo bom era aquêle!..."

E aqui se estabelece a iteração, o elo pelo qual se interligam o escritor e seus leitores. A inexistência dessa iteração equivale a uma literatura de fancaria.

Quando há o desponte de um dado processo histórico para dar lugar ao despontar de um outro em escala superior (ou inferior, porque há também os recuos), ocorre inevitàvelmente uma descontinuidade, e é por isto que os pesquisadores se servem muitas vêzes da literatura de um povo para estabelecer-lhe o roteiro de sua história.

O movimento cultural goiano ainda não possui uma literatura urbana de maior relêvo. Fora de "Chão Vermelho", do escritor Eli Brasiliense, e "Antes das Águas", do professor Anatole Ramos, temos é um vazio total. Assim mesmo, "Chão Vermelho" é um bom romance porque comunica, em têrmos de vivência a construção de Goiânia. E o romance "Antes das Águas" transmite uma experiência que podia ser vivida em qualquer cidade.

Goiânia já tem uma pulsação de vida capaz de animar a criação literária no plano urbano. Conta com uma população de cêrca de quatrocentos mil habitantes, aqui vivendo uma soma considerável de elementos descompromissados e portanto com plena liberdade de ação. Uma juventude em fase de amadurecimento e participante dos dramas de cada dia do goianiense aí está sendo preparada por duas Universidades. De forma que, como coroamento de uma infra-estrutura social mais ou menos consolidada, as manifestações culturais — e neste caso a literatura — já vão se despontando promissoras.

"Tânatos", êste romance de Wendel Santos, vem marcar a alvorada de uma literatura urbana em Goiás e, como um outro livro, também inédito — "O Planêta de Haley", de Jesus de Aquino Jayme —, abrirá um nôvo horizonte para as lêtras anhanguerinas. O jovem autor de "Tânatos" consegue lançar bem a sua mensagem ficcional, e sabe valer-se com habilidade da criação artística estritamente dentro dos limites das conveniências, e em nem um momento sua prosa espontânea resvala para o escabroso ou grotesco.

Cultiva uma forma e um estilo fiéis à sua personalidade e estrutura uma estória em capítulos minúsculos que tocam o psicológico, muito de agrado da sua geração.

O jovem Wendel Santos tem a bossa do escritor. Não deixa transparecer nenhuma intenção nas suas investidas mais audaciosas e quando avança um neologismo ou uma forma sintática iconoclasta não o faz para escandalizar e nem se assoberba além dos limites demarcados pelas regras da linguagem.

Se através de sua obra aparecem um e outro têrmos mais chocantes, é porque a própria situação criada o exige imperiosamente. Não se pode esperar que alguém que larga a unha do dedão na cabeça de um tôco volva sereno e carinhoso e chame o tôco de amormeuzinho.

Que a Universidade Federal de Goiás haja por bem encontrar uma fórmula justa de incentivá-lo, como reconhecimento dos seus méritos não só como escritor, mas como primeiro aluno que é da Faculdade de Filosofia. É um voto que, de sã consciência, fazemos a seu favor.

Casinha verde da Macambira — Goiânia.
1.º/9/1969.

O MEU PASSATEMPO

Eu me sentia dividido. Dois simultâneamente. Arrastado de modo irrecorrível para fora e para dentro de mim mesmo.

O mundo objetivo com seus encantos e singularidades, com suas côres e maravilhas me atraía molemente, com débil provocação. Eu pouco me interessava para o aqui e agora do instante. Em contraposição, um outro mundo, muito mais mundo para minha vida, voluptoso, fascinante, mágico, me atraía por demais, por demais.

— Que hora minha gente?

— Dez prá seu govêrno.

— Dez não, seu desinteligente... E' vinte e duas horas!

— Mais ignorante é você, porque a gente tem de falar "são vinte e duas horas"...

— Hiii! vai para a... bem, já sabe, não é?!

— Tão tarde já, meu Deus, como corre o tempo!

— Querem outra sova?

— Eu é que não paro. Não mijo, e nunca mijei, no barranco.

— Respeite as mulheres, seu desbocado!!

— Então, quem dá as cartas?

— E' o Jorge.

— Mentira. E' a Romanita. Hum! tou de ôlho nocês!...

— Ara, ara! Quem costuma filar é você, sô!

— Gente! uma coisa ou outra. Deixa de anarquia e vamos jogar, ou então vamos prá cama.

— Se a Margarida me levar, eu vou...

— Vê lá, seu sem-vergonha!

Êsse era o momento no qual eu queria me agarrar. E precisava muito, pois aquêle outro, onde passado, presente e futuro se misturavam em diabólica diacronia, clamava por mim com império, me assustando com suas extravagâncias. Precisava fugir dêle a todo custo e a única saída era o meu passatempo com as cartas.

. . . . . .

De normal, o mais gamado pelo sete-e-meio era eu.

Desde criancinha o baralho se enamorou de mim, e eu espiava os jogadores de truque, lá na fazenda do meu avô em Minas Gerais, com água na bôca. Uma vontade doidinha em participar daquela gostosura que deixava tesos de emoção e prazer os olhos de cada um.

— Quem manda nessa mão?

— Deixa correr.

— Há galo ou galinha nesse terreiro?!

Instantes de expectativa. Eu me vidrava nas fisionomias adultas, tranqüilas de sertanejo, não queria perder um movimento. De repente, aquilo que eu adorava:

— É truque, minha gente! é truque!!

— Isso mesmo, companheiro. Truque prá frente e prá trás!

Olhares consultivos entre parceiros, piscadelas, mexidas com os cantos da bôca, tudo sinal preparado, e logo a reação.

— Seis milho, ladrão de tento!! Seis miiilho!!!

Aí eu vibrava. Assistia a êsse combate de berros, de brados exagerados que agitavam as corujas circunvizinhas, e espantavam os lôbos comedores de galinha, com imensa satisfação. Às vêzes acontecia alguém ter o zápete e ficar caladinho, deixando o outro botar banca com o sete-de-copas. Eu ali ao lado, acomodado no meu ban-

quinho, sem sono nos olhos grandes, tremia ao ver a carta bichona, decisiva.

— Virge, o zape!

— Psiu! menino!

— Goiasil, vem dormir.

— Madrinha, eu queria jogar...

— Ainda não, filhinho. Só quando fôr homem.

Assim o jogar-baralho adquiriu uma conotação especial para mim. Muito especial mesmo. Ficou afixado no meu inconsciente como símbolo de maioridade, de já-ser-homem-feito.

Eu sempre me senti bem mexendo com as cartas, acariciando-as delicadamente, como se acaricia orelha de môça bonita. Me faziam sentir homem, e eu cheguei a sonhar, na minha adolescência erótica, que dormia pecaminosamente com uma dama do baralho.

. . . . . .

Entretanto não era sòmente para recordar, ou reviver as minhas velhas paixões que eu me reunia a êsse grupo de jogadores.

Buscava como já disse, e muito mais, a desconcentração, o desligamento, o repouso dos problemas cotidianos que me espremiam sem dó nem piedade. A universidade pela manhã, tendo que acordar cedinho, enfrentar o ônibus anêmico, vagaroso como tartaruga, uma hora inteirinhazinha para ir de Campinas ao Setor Universitário. Depois, lecionar à tarde, batalhando com os mocinhos e mocinhas inquietos em salas de cincoenta, sessenta alunos, dos mais variados espécimes, alguns até refazendo eras primitivas, macacóides.

O sete-e-meio do fim do dia, além daquela atração pegajosa e sedutora, me aguardava como um tranqüilizante eficaz, suavizando os meus nervos encaracolados de tensão.

IMPOSIÇÃO ONTOLÓGICA

Meus companheiros se apegavam nesse momento, nos mistérios lúdicos das cartadas. Enjaulados plenamente naquela sensação sensual que envolve todo jôgo de baralho, seja qual êle.

Mas...

Eu, afoito, me preocupava com os profundos mistérios dos meus companheiros. Não sei porquê. Êles me interessavam mais, nessa noite fria de junho, do que me seduziam as coloridas e melindrosas damas do baralho.

— Muito mais!

— Que é, Goiasil?

— Nada, nada.

— Tá doido mesmo, coitado. De tanto estudar. Eu conheci um rapaz que foi para o Adauto Botelho de tanto se invocar com livros.

Eu descobrira um jeito diferente, um ângulo nôvo, um prisma infernal, um ponto de vista maluco para vê-los.

. . . . . .

E' assim mesmo: a gente, num belo dia, vê as coisas já tanto vistas, o universo inteiro, ou o inteiro universo de uma coisa, de um modo exclusivo, assim... assim... não sei me expressar como.

A gente pode estar numa praça, num cinema, ou numa festa, olhando tudo com a visão corriqueira e monótona de quem já está cansado de ver. De súbito, um objeto, uma pessoa se estrepetiza

diante de nós, e nos admiramos. Descobre-se repentinamente que na realidade não se conhecia o ser em presença, o ser-de-fato. E nessa metamorfose somos invadidos por êle com exuberância, com magnífica imposição, com intensa luminosidade ontológica.

Fica-se parado, extasiado, de alma magnetizada, até que se dissolva a extraordinária aparição. E nunca mais veremos tal ser com tamanha evidência. Nunca mais. Nunca mais...

. . . . . .

Me lembro de quando vi o meu pai pela primeira vez. Foi lá na Estação Rodoviária de minha cidade natal, em Uberaba. Ali estava êle comigo, tinha vindo para me ver, eu estava interno no Colégio Diocesano.

— Bênção, pai.
— Deus te abençôe, meu filho.
— Você está magro, meu pai.
— E' o trabalho, a vida dura.

De guarda-pó amarelo-claro, um cinto do mesmo pano com uma ponta caída, os óculos de aro fininho, e lente muito clara. Estava feliz, sorridente, fazendo planos para um futuro melhor, onde entrariam minha mãe, meus dois irmãos e eu.

— A situação vai melhorar, então eu busco você.
— Tá certo, pai. Eu gosto.
Jamais o vira assim. Depois se despediu.
— Adeus, meu filho.
— A bênção. E boa-viagem.

E lá se foi para Ribeirão Prêto. Acompanhei o seu rosto na janela, feliz, sorridente, até que sumisse na volta. Também foi a última vez. Meses depois fiquei sabendo, de modo trágico, que êle fôra morto mais tràgicamente ainda.

Mas eu poderia dizer que o conhecera de fato: em sua existencialidade íntima.

. . . . . .

Os três amigos se punham inteiramente no desenrolar de cada partida. De cada sete-e-meio. Com uma tal motivação espontânea de fazer inveja a muitos educadores. Êsses lutam numa luta quase imoral para interessar os alunos por um pòuquinho de português, de matemática, ou história. E o resultado é simplório.

Mas...

Eu, atento nos jogadores, desatento das jogadas, semelhante a um aluno secundarista, pensava, pensava. Um pensamento terrível. Um terrível pensamento que despia aos meus olhos psicanalistas a alma recôndita de cada um. A nudez interna! E eu ia vendo cada um, Jorge, Margarida, Romanita, pela primeira vez. Eu vi o Jorge despido de tudo, do aparente, do ilusório, do passageiro, na sua nudez interna. Também assim deslumbrei a Margarida e a Romanita.

A NUDEZ INTERNA

Na verdade, eu creio que existe um fora e um dentro em todo mundo. E todo mundo também crê. Uma realidade feliz que pode aparecer, ou melhor, transparecer; e outra para ser escondida como um vitupério, porque causa desgôsto na gente.

Por exemplo: uma finíssima senhora de sociedade, muito conceituada em seu meio, deve procurar através de jóias caras, de vestidos luxuosos e perfume francês, tornar impossível o imaginá-la numa posição deselegante. — Oh! que chatura! — a fazer suas necessidades fisiológicas.

Um outro exemplo: a mocinha ingênua e virgem, e mesmo a deflorada e prostituta, fica tôda ruborizada, o coração a saltar na garganta, se faz o característico barulhinho — xiiiiii — feminino de mijar, e tem visita na sala. Seria horrível se os outros a ouvissem.

Porque tudo isso são coisas de dentro.

E devem ficar soterradas à própria intimidade de cada indivíduo. Seria um grande opróbrio, uma vergonha sem limite, se tais estigmas de nossa pomposidade humana se tornassem bate-bôca nas esquinas.

. . . . . .

A nudez interna, o dentro, que eu percebia nos meus despreocupados amigos não era dessa natureza. Todavia muito mais doloroso, mais pungente, mais chocante. Uma coisa que fere a nossa essência de homem.

Eu a vejo como uma dor latente em cada gesto, em cada sorriso ou em cada estrepolia. Uma dor que todo ser humano sente, e camufla de mil modos, com a ciência, com a técnica, com a arte, e foge dela de qualquer jeito.

— Retirada impossível!...

Aliás, tudo o que se faz nesse universo é fugir dessa angústia, dessa afronta que magoa o desejo milenar de subsistir para sempre, imorredouro no coração do animal que raciocina.

— Desejo impossível!...

E a mocinha bonita que pula do vigésimo andar do edifício não faz senão eliminar, de uma vez, essa ansiedade oculta que lateja caninamente em cada pessoa.

. . . . . .

E me fixava no Jorge. Sempre alegre, de uma alegria descuidada, própria de quem vive pelos dezoito anos. A alegria de ser jovem, de ter o mundo pela frente.

Ao observá-lo num lance qualquer, eu deduzia que para êle a vida não era mais que um deslizar tranqüilo. Um lago manso e sereno, cenário de um cisne alvíssimo.

— Isso é que é vida!

— O que disse, meu bem?

Nada, respondi. Estava só pensando.

— Quem pensa não casa!

— Você não teria um pensamento mais atual para o momento?

— De pensar morreu o burro...

E todos sorriram. Infelizmente eu não o consegui, embora fizesse um sincero esfôrço.

. . . . . .

Porém foi assim, refletindo que nem o burro que morreu, que nem a solteirona que não se casou, que me nasceu Tânatos. E logo tomou conta de mim, e me perseguiu encarniçadamente por tôda a noite, mamando em mim, torturante, demoníaco, obsessivo. Medonho e selvagem.

— "O que faria o Jorge se viesse a saber de sua morte decretada para poucos minutos. De seu fim. Do ponto final de sua vida. Aquela sua alegria, aquela fisionomia ingênua acostumada a se cobrir de um ar folgazão, como ficaria — como ficaria! — se o Destino a envolvesse com o espanto da Morte. Com Tânatos?!

— Goiasil, é a sua vez de jogar!

Era a voz suave e doce de Romanita me trazendo à realidade, ao mundo objetivo. Fiz automàticamente uma jogada, sem ponderação, sem cuidado, sem objetivo.

— Ora, assim vamos perder!...

— Me desculpe, tá?

— Deve estar amando outra, Romanita. Toma cuidado com o chifrezinho...

— Deixa de ser besta, Jorge. Tem espírito de porco. Só abre a bôca para soltar besteira, para estragar o pesqueiro dos outros.

— Não ligue, Goiasil, eu confio em você.

— Tá vendo, seu trouxa.

— Bem, eu avisei... fiquei sabendo de umas e outras...

— E eu não quero ouvir!

A confiança de Romanita me fêz distrair da introversão endiabrada, e eu consegui sorrir da situação.

ROMANITA

Foi nela que dei o primeiro beijo de amor, muito emocionado, num cantinho da bôca, trêmulo, de levezinho. Apenas deu para sentir-lhe a penugem suave que sobreficava em seus lábios, delícia, delícia, delícia.

Eu ainda aprendia a namorar. Agora me recordo bem, nìtidamente. Foi lá no Cine Campinas, antes de ser remodelado, o aspecto interno do cinema era horrível, paredes sujas, encardidas. Isso contudo não nos atrapalhou em nada; fizemos o nosso próprio cenário. Corria na tela o Espadachim de Siena. Aproveitei o momento em que o galã beijava a donzela, e construí o meu filme particular.

— Querida!

— Você me ama mesmo?

— Eu te amo sim.

— Eu também te amo.

Tudo baixinho, palavras mal saídas, ditas mais com emoção que com som: ultrapassáramos a barreira do som em sentido contrário.

À noite, me abracei com o travesseiro de olhos fechados para não ver a realidade real, e ensaiei muitos tipos de beijos. O que eu dera na penugenzinha suave da bôca deliciosa de Romanita fôra bom, fôra gostoso. Mas eu precisava melhorar o estilo. Não ficaria outra vez afobado como no primeiro; nem seria muito rápido, e sim, beijaria com calma, com categoria, igual a James Bond.

. . . . . .

Romanita também me ensinou a dançar.

E nas festas dávamos um espetáculo especial — aquêle espetáculo! — um chou à parte, tecendo passos originais, diferentes, de nossa exótica criação. E nos preocupávamos na verdade em fazer uma arte coreográfica popular, sendo mais imaginosos que simples e medíocres imitadores da incógnita maioria ali dançante.

— Goiasil, hoje você está uma coisa!

— Todo o mérito é seu, minha neguinha. Você se deixa levar muito bem, não é amarrada ao chão.

— Está certo. Mas, e êsses passos gozados que você inventa, isso deixa a turma de olhão na gente!

— Você acha ruim?

— Que nada. Eu adoro.

Era assim mesmo. Muito maneira, esbelta, linda — como Romanita era linda, meu Deus! — se encaixava comigo, como se ela fôsse concebida por um artista para se somar a mim harmoniosamente, e lá íamos pelo salão do Goiânia Tênis Clube, gozando admirações, zombando invejas. Ora samba, ora bolero, ora música jovem. Topávamos a parada em qualquer ritmo.

Depois — que triste decepção! — eu descobri, mais tarde, e abruptamente, que dançar não era isso.

Então fiquei mudado, me tornei outro Goiasil. Não dávamos mais espetáculo; nem me importava mais dançar com Romanita.

Só queria ir ao DCE, porque lá a gente podia se encostar à vontade, no meio do apêrto imenso, e tirar casquinhas nas garôtas evoluídas, em dia com as teorias sexuais mais avançadas, chegadas na véspera da Europa ou dos Estados Unidos.

A princípio tive certo receio provinciano. Me falaram alguns amigos, porém, que, se eu não fizesse como obrigava a evolução dos

tempos, seria considerado um misógino, e logo receberia da mocinha o convite tradicional:

— Vamos sentar, môço. Eu estou cansada!...

Por isso eu desaprendi a dançar. Em compensação travei importantes conhecimentos experimentais numa infinidade de curvas e voltinhas da graciosa arquitetura feminina.

. . . . . .

Minha professôra de amor e dança, e de outros mistérios da vida, me estava como parceira no jôgo. Entretanto ela aspirava também — e com que ardor! — a ser um dia a parceira indissolúvel no jôgo de minha existência. O fato é que eu também o queria; eu sonhava em ter com ela a saborosa peleja de alma e de carne que se chama casamento.

— Você tem coragem de casar comigo, meu bem?

— Tenho sim, claro.

— Mesmo eu sendo êste pobretão?...

— Não me importa. Uma só coisa vale: eu te amo!

— Então me dê um beijo de prova.

— Toma!

E que sabor, e que maravilha, e que doçura.

— E outro de graça!

Nosso amor possuía uma singular história: brotara da morte do meu namôro com a irmã dela. Aliás, hoje percebo distinta e claramente — com certeza cartesiana — que tudo foi um erocídio premeditado. Após o funeral do amor assassinado, e as perquirições normais em caso assim feitas pela família, cresceu numa saúde esplêndida o nosso amor. E todos diziam de nós:

— Veja como êles se amam!

Composto e impresso nas

Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade

Federal de Goiás

Campus Universitário — Goiânia — Goiás

1 9 6 9